

*Discurso na cerimônia de anúncio da criação de novas áreas protegidas em parceria com o Banco Mundial e o Fundo Nacional para a Natureza (WWF)*

**PALÁCIO DA ALVORADA, BRASÍLIA, DF, 29 DE ABRIL DE 1998**

*Meu caro amigo, Ministro do Meio Ambiente, Dr. Gustavo Krause; Senhores Ministros de Estado que aqui se encontram; Senhores Parlamentares; Embaixadores; Senhor Diretor do Banco Mundial, Dr. Nankani; Senhor Presidente do Conselho Diretor do Fundo Mundial para a Natureza, José Roberto Marinho; Senhores Representantes das entidades dedicadas ao meio ambiente; Senhoras e Senhores,*

O Ministro Krause disse que ele não é forte em números. E eu não sou forte em palavras. Depois do que ele disse fiquei aqui, espremido. E o pior: quando tentei assinar os decretos – os que acabei de assinar – quase não pude, porque ele assinou lá em cima, e nem deixou espaço para eu escrever o meu nome, quanto mais para dizer alguma coisa, depois do que ele disse aqui.

Eu só queria, portanto, acrescentar muito pouco. Para dizer que, em 97, quando estive no Reino Unido, anunciei que iríamos nos juntar à iniciativa lançada pela WWF, no sentido da preservação de, pelo menos, 10% das áreas florestais no Brasil.

Isso significa um esforço grande, porque temos, hoje, mais ou menos, 4% das áreas florestais preservadas. Temos, portanto, mais do que dobrar esse esforço. E este é o começo.

Os atos que estamos assinando hoje significam o começo de um processo mais longo. E o Ministro Krause já explicou que, para que se possa mudar as coisas de uma maneira realmente democrática e persistente requer-se uma ação coordenada, continuada – diz ele que não tem nada de espetacular. E vivemos numa sociedade do espetáculo.

De modo que a dificuldade que se tem é como, numa sociedade do espetáculo, fazer alguma coisa não espetacular, mas que tenha um significado efetivo, para a melhoria de vida da população e, no caso aqui, da Humanidade: a questão da preservação do meio ambiente.

Os que se preocupam demasiado com o espetáculo acabam não fazendo nada, só o espetáculo. E imagino que o grande espetáculo seja, realmente, resultado das mudanças que, ao longo do tempo, se vão consolidando em benefício da população.

Claro que, aqui – já foi dito também pelo Ministro Krause – não apenas estamos tomando iniciativas, no caso de preservação de uma parte da Mata Atlântica. Aliás, vi um vídeo muito interessante sobre essa região e as dificuldades que existem, para que algo seja feito. Como, também, lá no Norte, na zona de Roraima. E são áreas que têm um significado muito grande, do ponto de vista da biodiversidade, do ponto de vista da preservação. No caso da Região Amazônica, também de populações indígenas, porque são áreas lindeiras com os índios Ianomâmi. E, portanto, ajudam também essa preservação. Então, são passos importantes. Mas são apenas alguns passos, que estão, digamos, se antecipando aos muitos outros que teremos que percorrer.

E isso não se vai fazer sozinho. O Governo pode – e deve – tomar iniciativas; deve, na medida dos seus mandatos constitucionais, tomar as decisões legais, com o apoio do Congresso, ou decretá-las, se for o caso. Mas precisamos de uma articulação crescente com a sociedade civil. E isso é um exemplo, aqui temos pessoas que representam organismos chamados ONGs – Organizações Não-Governamentais – que terão um papel crescente, no mundo contemporâneo.

E quero chamar a atenção para um fato que, na singeleza dessa nossa reunião, está expresso, também. É que, hoje, questões dessa magnitude transcendem fronteiras nacionais. Isso tem que ser adequadamente compreendido, pois transcender fronteiras não significa abrir mão da soberania, significa outra coisa. Significa que o Brasil, tendo a responsabilidade – como tem – pela preservação das suas florestas e do seu território, está aberto às experiências internacionais e está desejoso da participação de organizações internacionais, nesse processo que é nosso, de definição da necessidade da preservação do meio ambiente.

Aqui, estamos levando adiante programas que têm apoio do Banco Mundial, que têm apoio de governos do G-7 – grupo dos sete países mais ricos – e, portanto, que transcendem as nossas fronteiras – e que são sustentados pelas Organizações Não-Governamentais. É, digamos, uma parceria importante, porque não é só interna, mas é uma parceria externa também, que diz respeito a organizações que não são nacionais.

E estamos compatibilizando tudo isso, com esse espírito que tão bem representa o Ministro Krause. E também é preciso dizer que, nessa vinculação – Banco Mundial, PPG-7, Ibama, etc. e, agora, o WWF –, as forças do Estado brasileiro estão motivadas para isso, e colaborando.

Creio que a menção feita ao General Zenildo Lucena e ao Exército é muito importante. Porque, uma parte disso que está aqui é área cedida pelo Exército brasileiro. Em outra época, discutir-se-ia: “O que é que se vai fazer com a fronteira. Meu Deus do Céu! Tem índio lá. Mas o índio, então, atrapalha a fronteira. Vai ser transnacional”. Isso acabou. Estamos fazendo áreas de preservação. Fizemos, recentemente, a maior demarcação de terra indígena já havida, há quinze dias. Fui ao Chile e estava dizendo lá, me referindo a problemas aqui do Brasil e de lá: só a área reservada, no Alto Rio Negro, dessa feita, corresponde a, pelo menos, 10 milhões de hectares, o que é o dobro de terra agriculturada do Chile. Não agriculturável, mas agriculturada, que está sendo usada pela agricultura chilena.

Então, estamos tratando, aqui, com pedaços do território que são imensos. E isso, hoje, com uma concepção nova. Quer dizer, lá na fronteira, o fato de ter uma área preservada é positivo; é positivo para

o meio ambiente; é positivo para os indígenas. E não atrapalha a defesa do território nacional, até porque é área da União, continua sendo da União. E acabou essa preocupação antiquada de: ou é uma coisa ou é outra coisa. Não, é cooperação. Estamos trabalhando em estreita cooperação.

Acho que esse passo é importante e – repito – que é inicial, tem um significado muito grande. Quando tivermos convertido essa área toda em área de preservação, isso vai corresponder ao Estado de São Paulo. O Ministro disse, mais ou menos, o Reino Unido, não é isso? Quer dizer, é muita terra. Mas é importante que se faça. É muito importante que se faça.

E o que é mais interessante é que, se estamos nesse propósito de preservar 50 milhões de hectares até o ano 2000 no planeta inteiro e se o Brasil vai preservar não sei quanto por cento disso – uma boa parte disso, metade, mais ou menos –, é algo muito significativo e não é tão caro assim. Quando se olham os números, não é tão caro assim.

Não se trata de uma questão de recursos. Há uma obsessão, muitas vezes, por recursos: “Quanto custa? Quanto deu? Tem dinheiro? Não tem dinheiro?” É claro que dinheiro é importante, mas, em certos momentos, a questão é mais de organização, é mais de motivação e de colocar as coisas em conjunto e fazer com que as peças funcionem, para que possamos chegar aos resultados. E esse trabalho, de ourivesaria, como já foi dito aqui, leva tempo, implica motivar as pessoas, os grupos, as organizações para a convergência, para chegar-se a um resultado concreto.

Para finalizar, penso que essa campanha da WWF, da terra viva no ano 2000 é algo que tem o nosso apoio, tem o apoio do Governo brasileiro. Hoje mesmo, transmiti uma mensagem para o Banco Mundial sobre essa questão. Imagino que estejam realizando uma solenidade simultânea. E isso tem o nosso apoio. Vamos seguir adiante nessa direção. E, para isso, só precisamos é manter vivo o mesmo espírito que tem presidido as ações dos que aqui estão, de compreensão de que estamos vivendo uma etapa nova no mundo em que essas questões passaram a ser centrais.

O Ministro Krause falou em desenvolvimento sustentável, que é um conceito novo e difícil. Mas ele é essencial, porque isso é novo, realmente. Só recentemente, há poucas décadas, nos demos conta de que os recursos são esgotáveis. A idéia que se viveu, que a Humanidade conviveu com ela, era a idéia da infinitude dos recursos naturais. Havia uma certa preocupação com o recurso de alimentação, malthusiana. Essa preocupação desapareceu: vai crescer mais depressa a população do que a capacidade de alimentar a população. Graças ao desenvolvimento tecnológico, não se tem mais esse temor.

Mas, hoje, tem-se outro: é o de que certos recursos, que são renováveis, são renováveis dentro de certos limites. E temos que respeitar os limites da natureza, os limites até do espaço, os limites extraplanetários, que vão ser condição de possibilidade da perpetuação da Humanidade.

E o que tenho dito, em algumas ocasiões e vou repetir, para terminar mesmo, é que essa noção da finitude dos recursos, do risco que hoje existe do mau manejo dos recursos, pela contaminação que eles trazem de um país para outro, levou a uma nova visão, a uma nova percepção do papel do homem e da Humanidade.

Para dar um marco, costumo dizer que essa mudança copernicana do pensamento foi do Gorbachev. Por quê? Porque o Gorbachev, no famoso livro dele, *A Perestroika* – talvez não soubesse a amplitude do conceito –, disse: “Olha, não se pode mais pensar em bomba atômica, em guerra, por conseqüência, porque destrói tudo. Segundo, se destrói tudo, não dá para pensar só em termos de Estados”. Depois, ele diz: “E nem só de classe”. E ao dizer: “Destrói tudo. Não pode pensar em Estado, não pode pensar em classe”, são as bases de um novo mundo, em que a Humanidade passa a ser, de novo, o sujeito da História. Ao invés de ser a classe, ao invés de ser o Estado, ao invés de ser o indivíduo, passa a ser a Humanidade.

Isso, no passado, não tinha sentido. Ninguém estava pensando em termos de Humanidade, senão retoricamente. Hoje, ou integramos o conceito de Humanidade ao conceito de natureza ou não vamos ter condições de projetar futuro algum. E, se a amplitude de visão é essa, temos que modificar as nossas disposições de espírito, as nossas insti-

tuições, as nossas concepções, para que possa haver a convergência entre várias nações, entre várias instituições, entre várias organizações, entre o Estado e a sociedade civil, porque temos que funcionar num marco mais amplo, que é esse marco da Humanidade e do meio ambiente.

Isso passou a ser, de fato, digamos, o centro de todas as coisas. E é por isso que, de vez em quando, me refiro ao fato de que vivemos um novo Renascimento, porque equivale a isso, equivale a recolocar o homem como o centro, mas o homem como Humanidade, e repensar e mudar a cabeça inteiramente, para pensar que, de novo, temos uma visão que, dessa vez, é verdadeira, é planetária.

E, na visão planetária, as florestas não são só do Brasil. São brasileiras, vão continuar sendo. Mas as dos outros países interessam a nós, como as nossas podem interessar aos outros, o que não diminui a nossa responsabilidade, a nossa soberania, mas implica, sim, uma motivação adicional para que cuidemos delas, porque estamos cuidando da Humanidade. E a Humanidade é o conceito mais amplo que existe para que possamos pensar a existência do ser humano na Terra.

Muito obrigado.